

Será que Saul conversou com Samuel-espírito?

"Se não escutam a Moisés nem aos Profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão". (Lc 16,31).

Introdução

Esse nosso estudo tem objetivo específico de responder às proposições do professor Azenilto Brito a respeito do assunto. Apresenta ele, num fórum adventista, dez razões porque o fato não poderia ter acontecido¹, as quais iremos contra-argumentar uma a uma.

O que se observa claramente em determinadas pessoas é a preocupação de sempre colocar os textos bíblicos à sua conveniência, quer catando-os a miúdo ou interpretando-os à moda da casa, de forma a justificar o que pensam. Não admitem que fazem isso; aliás, sempre dizem que são os outros, aqueles que lhes contestam, é que agem dessa forma.

A afirmação de que "a necromancia prova a persuasão comum entre os povos antigos a respeito da imortalidade da alma" (Bíblia Sagrada Paulinas, p. 303), revela o motivo pelo qual se tenta, de todas as formas, levar a passagem 1Sm 28 à conta do impossível, contrariando os textos bíblicos, ou dizendo que quem teria se manifestado teria sido um "pseudo-Samuel" ou, quem sabe, o próprio demônio.

Antes de iniciar, aquilo a que nos propomos, é necessário fazer algumas considerações iniciais para que certas coisas fiquem bem claras, o que evitará repetições de nossa parte, de modo a não cansar o leitor. Duas questões básicas: Os mortos se comunicam? Deus, de fato, proibiu a comunicação com os mortos?

Os mortos se comunicam?

A resposta a essa pergunta é um categórico sim. Entretanto, para aqueles que não acreditam na sobrevivência da alma, tal possibilidade é nula, razão pela qual não podem aceitar a comunicação com os mortos, sob pena de contradizerem aquilo que pensam. Entendemos que assim o façam, mas não concordamos com seus argumentos.

Interessante é que sempre nos apresentam uma determinada passagem bíblica dizendo da proibição de evocar os mortos; vejamo-la:

"9. Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. 10. Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, 11. nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; 12. pois todo aquele que faz tal cousa é abominação ao Senhor; e por estas abominações o Senhor teu Deus os lança de diante de ti. 13. Perfeito serás para com o Senhor teu Deus. 14. Porque estas nações, que hás de possuir, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores; porém a ti o Senhor teu Deus não permitiu tal cousa". (Dt 18,9-14).

Analisando esse passo, percebemos que tudo quanto aí se proíbe foi resumido no v. 14, que diz, especificamente, ouvir os prognosticadores e os adivinhos. Disso, podemos concluir que, sendo a consulta aos mortos relacionada entre estas práticas, obviamente, é porque a faziam neste sentido. De fato, era comum os adivinhos se deitarem nos túmulos "exigindo" a presença do morto para que o consultasse ali mesmo na tumba.

Naquela época também praticavam a necromancia, que nada mais era que a evocação dos mortos para fins de adivinhação, ou seja, justamente o que, no geral, se procurava proibir.

¹ <http://foroadventista.com/index.php?PHPSESSID=5a25317ab229baaf971573677e84c32c&topic=630.480>

A pretexto de atualizar a Bíblia, notamos que, em várias delas, foram incluídas as palavras médium e espírita, numa evidente tentativa de denegrir o Espiritismo. Mas sabemos que quem faz isso, são pessoas inescrupulosas, que adulteram os textos visando combater pensamentos contrários aos seus, atitude altamente lamentável. E a título de esclarecimento: não fazemos nada disso; somente os ignorantes atribuem tais práticas ao Espiritismo, fora, evidentemente, os “sepulcros caiados” que agem de má-fé.

A questão que colocaremos é até bem simples: se os mortos não se comunicam, então não haveria a mínima necessidade da proibição, ou seja, a própria proibição é a maior prova de que isso, de fato, ocorre. Se atribuem tal proibição a Deus, mais um forte motivo para aceitar como algo real, a não ser que venhamos a admitir que Deus tenha proibido algo que não acontece, absurdo que deixamos para os fanáticos aceitarem. Além do mais, é bom que se frise, o que é proibida é a invocação dos mortos por parte dos vivos; e não de os mortos se comunicarem, porque, se estes fossem proibidos de se comunicarem por vontade própria, não existiriam os profetas, que nada mais são do que os canais de comunicação através dos quais os mensageiros divinos transmitem as suas mensagens aos que vivem na dimensão física.

Fora a passagem objeto dessa polêmica, poderemos citar ainda aquela em que Moisés e Elias apareceram a Jesus, o que foi testemunhado por Pedro, Tiago e João (Mt 17,1-9). Apesar de tentarem desconsiderar essa ocorrência dizendo que Elias não poderia ter aparecido, pois ele não morreu, teria sido arrebatado; mesmo não se levando em consideração que *“a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus”* (1Cor 15,50), ainda sobra Moisés que morreu e foi enterrado, debaixo das lágrimas dos hebreus.

Tempos atrás deparamos com uma interessante passagem que nos leva também à conclusão dessa realidade, embora nela não haja nenhuma manifestação. Leiamo-la:

“8. Consulte as gerações passadas e observe a experiência de nossos antepassados. 9. Nós nascemos ontem e não sabemos nada. Nossos dias são como sombra no chão. 10. Os nossos antepassados, no entanto, vão instruí-lo e falar a você com palavras tiradas da experiência deles”. (Jó 8,8-10).

O que tem isso a ver com comunicação com os mortos? “Elementar, meu caro Watson”: como, naquela época, não se tinha nada escrito, aliás de pouco adiantaria, já que o analfabetismo era dominante; assim, a única forma de se consultar as gerações passadas (observar que está no plural), para meditar sobre as palavras tiradas da experiência deles, seria consultando diretamente a seus espíritos, ou seja, pura comunicação com os mortos.

Certa feita o pastor Neemias Marien (? - 2007), quem mais conhecia de Bíblia, aqui nas terras do pau-brasil, numa entrevista no programa Espiritismo Via Satélite, respondendo à pergunta “se na Bíblia havia passagens que comprovam a comunicação com os mortos”, ele citou Jesus ordenando a Lázaro que saísse do sepulcro.

Não podemos deixar de mencionar que o próprio Cristo, depois de morto, se comunicou com os seus discípulos, conforme narrativas nos Evangelhos. E ao argumento que Ele se manifestou fisicamente, apresentamos o contra-argumento de que se isso fosse verdade Ele teria sido reconhecido por Madalena (Jo 20,14-18) e pelos dois discípulos que se dirigiam a Emaús (Lc 24,13-31). E não teria aparecido (em espírito) a Paulo e Timóteo; quando pensavam em se dirigir à Bitínia: *“mas o Espírito de Jesus os impediu”* (At 16,7).

Deus, de fato, proibiu a comunicação com os mortos?

Se fosse mesmo uma proibição divina, Jesus a teria contrariado? E mais: Moisés, a pessoa, que atribuiu a Deus tal coisa, aparece em espírito a Jesus, derrubando o que dissera anteriormente. Esses dois fatos provam que, a não ser na visão de fanáticos, a proibição não provém mesmo de Deus.

Isso é muito fácil de comprovar pelas próprias narrativas bíblicas. Certamente que se fosse proveniente de Deus haveria de estar gravado nas duas tábuas de pedra, como um novo mandamento ou, na pior das hipóteses, como um entre os dez. E mais: como Moisés, enquanto encarnado, foi tão cioso no cumprimento das determinações de Deus, por que, justamente quando ele foi para o “seio do Senhor”, viria a desobedecê-las? Mais ainda: ao se aceitar a comunicação de Moisés, também tem que se aceitar a de Samuel!

A única lei, incontestavelmente divina, são os Dez Mandamentos, resumidos por Jesus em dois; todo o restante se referia a leis sociais ou religiosas que, para fazer com que o povo as cumprisse, Moisés disse terem elas provindo de Deus. Mas os fatos provam que não eram, pois vamos encontrar a confirmação disso naquilo que ele, Moisés, coloca na Arca da Aliança, confeccionada sob encomenda e por ordem expressa de Deus, inclusive, especificada nos mínimos detalhes, para receber e guardar as leis emanadas do altíssimo. Dentro dela só foram colocadas as tábuas com os Dez Mandamentos (Dt 10,1-5), o restante, aquilo que não tinha origem divina, foi colocado do lado de fora (Dt 31,24-26).

Nossa conclusão não é isolada; veja: "O Decálogo, dentro da Aliança, é a única Lei que provém diretamente de Deus; tudo o mais vem de Moisés" (Bíblia Sagrada Santuário, p. 242).

Um bom exemplo de Lei moisaica:

Dt 25,11-12: *Quando brigarem dois homens, um contra o outro, e a mulher de um chegar para livrar o marido da mão do que o fere, e ela estender a mão, e o pegar pelas suas vergonhas, cortar-lhe-ás a mão: não a olharás com piedade.*

Quem tiver a coragem de atribuir coisa tão ridícula a Deus, é digno de dó e merece muitas preces para que o Espírito de Deus abra seus olhos, para que enxergue a verdade.

Por outro lado, buscando apenas nos nortearmos pela lógica, perceberemos que, para Deus, seria muito mais simples, fácil e prático, não criar as condições (leis naturais) para que os mortos se manifestem, do que criá-las apenas para punir aos infratores, coisa insana que nenhum pai humano faria. É algo como alguém deixar, sobre uma mesa, à vista de centenas de crianças, muitas guloseimas, saindo em seguida, mas proibindo-as de comê-las, quando o mais razoável seria não colocar tais coisas na frente delas. Diante disso, mesmo sem levar em consideração outros fatores, já que esse para nós é suficiente, não atribuímos a Deus a origem dessa proibição.

Jesus, para nós, é o divisor de águas em relação à revelação divina, fato percebido por João quando disse: "*Porque a Lei nos foi dada por meio de Moisés; mas a graça e a verdade nos vieram por meio de Jesus Cristo*" (Jo 1,17), o que nos leva à conclusão que a verdade só iremos encontrá-la em Jesus. Mas não bastasse isso, "o teor geral das escrituras" nos aponta para somente seguirmos os ensinamentos do meigo Rabi da Galileia; senão vejamos:

- a) significativa a sua ação nas bodas de Caná, cujo sentido iremos encontrar neste trecho: "*Este provou a água transformada em vinho, sem saber de onde vinha. Os que serviam estavam sabendo, pois foram eles que tiraram a água. Então o mestresala chamou o noivo e disse: 'Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados estão bêbados, servem o pior. Você, porém, guardou o vinho bom até agora'.*" (Jo 2,9-10), donde podemos concluir que o "vinho bom" são exatamente os seus ensinamentos, que, a partir daquele momento, seriam divulgados para o conhecimento do público;
- b) estabeleceu até quando iria prevalecer a legislação mosaica: "*A Lei e os profetas chegaram até João; daí para a frente o Reino de Deus é anunciado,...*" (Lc 16,16), ou seja, até João Batista a Lei e os profetas; depois disso, o Evangelho;
- c) aquilo que realmente era de origem divina, na lei anterior, Ele resumiu, sabiamente, em: "*Ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, e com todo o seu entendimento. ... e ame ao seu próximo como a si mesmo*". *Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos.*" (Mt 22,37-40), completando: "*Tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês também a eles. Pois nisso consistem a Lei e os Profetas.*" (Mt 7,12), o que, fatalmente, põe por terra toda a legislação anterior que não se enquadrar nisso;
- d) para ser mais claro, revoga e/ou modifica a legislação moisaica, dizendo, por várias vezes, "*aprendestes que foi dito aos antigos, eu, porém, vos digo*", quando: amplia o "não matarás"; diz que se adultera até por desejar a mulher do próximo; fala para não jurarmos de forma alguma; orienta para não oferecermos resistência aos que querem nos fazer mal; e, por fim, mostra a necessidade de amarmos até mesmo os nossos inimigos (Mt 5,21.27.31.33.38.43). Além disso, revogou a pena de morte aos que viessem a trabalhar no sábado (Mc 2,27), e também sobre o adultério, ao dizer

à mulher: *“vá e não peques mais”* (Jo 8,11);

- e) já quase perdendo a paciência com os fundamentalistas de sua época, que lhe exigiam o cumprimento da lei anterior, diz: *“Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha, porque o remendo repuxa o pano, e o rasgo fica maior ainda. Também não se põe vinho novo em barris velhos, senão os barris se arrebentam, o vinho se derrama e os barris se perdem. Mas vinho novo se põe em barris novos e assim os dois se conservam.”* (Mt 9,16-17); certamente, que hojealaria a mesma coisa para a grande parte da liderança religiosa dos nossos dias;
- f) ressaltamos ainda que, por ter conversado com os espíritos de Moisés e Elias (Mt 17,3), acabou por revogar qualquer tipo de proibição anterior, já que apenas orientou a seus discípulos que não divulgassem tal fenômeno senão depois de sua ressurreição (Mt 17,9). E, como ele mesmo afirmou, que tudo o que ele fez nós poderíamos fazer (Jo 14,12), quem dialoga com os mortos com seriedade e responsabilidade está seguindo o seu exemplo;
- g) Paulo de Tarso e o autor de Hebreus perceberam a supremacia dos ensinamentos de Jesus, o que pode ser confirmado nas passagens: Rm 7,4-6; 2Cor 3,6-14; Gl 2,21; 3,23; Hb 7,18; 10,9; 8,6-7.13.

Certamente o leitor já devia estar preocupado em saber aonde estamos querendo chegar. Pois bem, esses dois últimos itens são a dica; entretanto, o conjunto de todos eles serve para dizer que nós seguimos a Jesus não a Moisés, ou qualquer outra pessoa, seja ela quem for, quer encarnada ou não. Pleno direito têm os que querem seguir a Moisés, mas, por coerência, não deviam se dizer cristãos.

Sim, alguém dirá que Jesus disse que não veio abolir a Lei e os Profetas (Mt 5,17), e não seremos nós quem irá negar que tenha dito isto; mas a sua interpretação é que é sempre feita de forma equivocada. Ele não estava falando da legislação moisaica, já que provamos que ele as modificou; assim é necessário descobrir o que ele, de fato, queria dizer. Isso é fácil; basta ler Lucas, quando ele, Jesus, disse aos discípulos: *“Era isso que vos dizia, quando ainda estava convosco: era preciso que se cumprisse tudo o que está escrito sobre mim na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”*. (Lc 24,44). Assim, percebemos que se referia às profecias a seu respeito, nada mais que isto.

Respondidas essas duas questões básicas propostas, vamos aos contrapontos.

Análise das 10 razões por que Samuel não poderia ter aparecido ao rei Saul

Vejamos o que o professor Azenilto, coloca.

Analisando o episódio da consulta por Saul a uma feiticeira, narrado em 1 Samuel capítulo 28:

1o. – Porque a noção de um diálogo entre o falecido profeta Samuel e o rei de Saul parte de uma falsa premissa: de que há uma alma imortal embutida no homem que prevalece à morte. Como não existe comprovação bíblica de que Deus criou o homem dualisticamente — com um corpo material e uma alma imortal (ver Gên. 2:7), tal noção é inteiramente contrária ao teor geral do que as Escrituras ensinam sobre a natureza do homem e sobre o estado do homem na morte.

Obs.: O que a Bíblia ensina sobre os mortos é que não têm consciência alguma do que se passa neste mundo, sendo constantemente comparada a um sono (Ecl. 9:5,6; Sal. 146:1-4; Dan. 12:2; 1 Tess. 4:13-16). Assim, mesmo ante a hipótese de que o espírito de Samuel tivesse sobrevivido à morte, ele ignoraria inteiramente os acontecimentos terrenos, especialmente do que ocorreu após sua morte, e nem poderia dar conselho algum a Saul.

Observando bem a Bíblia, vamos encontrar duas situações bem distintas nela. A primeira, em que as pessoas não acreditavam na vida após a morte, o que poderá ser visto em todo o Antigo Testamento. A segunda, está relacionada aos ensinamentos de Jesus, que disse *“meu reino não é desse mundo”*, que buscou, na medida do possível, ressaltar a vida futura.

Podemos ver que vários tradutores bíblicos nos remetem a essa ideia; senão vejamos:

Os antigos hebreus não tinham, da vida futura, uma ideia tão clara como nós. Para eles, a alma separada do corpo permanecia num lugar obscuro, de tristeza e esquecimento, em que o destino dos bons era confundido com o dos maus. Donde a necessidade de uma retribuição terrestre para os atos humanos. (Bíblia Sagrada Ave Maria, p. 660).

A doutrina da retribuição de além-túmulo e a da ressurreição, preparada pela esperança dos salmistas (Sl 16,10s; 49,16), não aparecerão claramente senão no fim do A.T. (Bíblia Sagrada Santuário, p. 203).

A busca de uma comprovação bíblica para tudo quanto acontece não tem razão de ser, haja vista que Jesus afirmou categoricamente: *"Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar"* (Jo 16,12), o que nos leva a concluir que a Bíblia não encerra ainda toda a revelação divina. Entretanto, como a fecharam, vamos assim dizer, é pouco provável que as revelações posteriores, prometidas por Jesus, sejam nela colocadas.

Essa questão de "teor geral das escrituras" não passa daquilo que o próprio autor atribui a Bíblia, ou seja, sua visão pessoal daquilo que ela contém, não admitindo, certamente, outra que não a dele.

Mas, se tivermos o cuidado de pesquisar, sem condicionamentos dogmáticos, veremos que há, sim, no homem, uma outra coisa que não somente o corpo físico, aquilo que nós chamamos de alma ou espírito. Essas passagens podem comprovar isso:

"Depois que passaram o rio, Elias disse a Eliseu: 'Peça o que você quiser, antes que eu seja arrebatado da sua presença'. Eliseu pediu: 'Deixe-me como herança dupla porção do seu espírito'". (2Rs 2,9).

"Ao vê-lo, os irmãos profetas, que estavam a certa distância, comentaram: 'O espírito de Elias repousa sobre Eliseu'. Então foram ao seu encontro, se prostraram diante dele". (2Rs 2,15).

"Eu era um jovem de boas qualidades e tive a sorte de ter uma boa alma, ou melhor, sendo bom, vim a um corpo sem mancha". (Sb 8,19-20).

"Há, porém, um espírito no homem, e o sopro do Todo-Poderoso o faz entendido". (Jó 32,8).

"Quando o meu espírito se amargurava, e sentia picadas no meu coração". (Sl 73,21).

"Lembro-me de Deus, e me lamento; queixo-me, e o meu espírito desfalece". (Sl 77,3).

"De noite lembro-me do meu cântico; consulto com o meu coração, e examino o meu espírito". (Sl 77,6).

"Quando dentro de mim esmorece o meu espírito, então tu conheces a minha vereda; no caminho em que eu ando ocultaram-me um laço". (Sl 142,3).

"Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca". (Mt 26,41).

"Pois, qual dos homens entende as coisas do homem, senão o espírito do homem que nele está?..." (1Cor 2,11).

"Ou pensais que em vão diz a escritura: O Espírito que ele fez habitar em nós anseia por nós até o ciúme?" (Tg 4,5).

Que sabiam que tinham um espírito é fato; entretanto, não vislumbravam algo para ele após a morte, a não ser estar no xeol, conforme já dissemos. Não podemos deixar de citar, também, essa narrativa: *"Então Jesus deu um forte grito: 'Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito.' Dizendo isso, expirou"* (Lc 23,46), já que, para nós, é mais uma prova bíblica, quiçá a mais importante, de que somos, enquanto encarnados, corpo e espírito.

Por outro lado, não podemos conceber outra forma de termos sido criados semelhantes

a Deus (Gn 1,26), senão na condição de Espírito, e continuaremos pensando assim até que alguém possa nos provar que seja em algum outro aspecto. Apoiando-nos no que Jesus disse *“O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita”* (Jo 6,63), podemos dizer que, para ele, o mais importante era o espírito; diga-se, a propósito, é o que na verdade somos: um espírito imortal que veste, provisoriamente, um corpo físico.

O professor recorre ao livro Eclesiastes para justificar seu pensamento; entretanto, há uma particularidade nele que vem justamente em apoio à comunicação com os mortos. Apuramos, sobre a autoria desse livro, que: *“A tradição judaica afirma explicitamente que Salomão foi o autor”* (Bíblia Anotada Mundo Cristão, p. 827). Se o autor bíblico diz que *“fui rei de Israel em Jerusalém”* (Ecl 1,12), e considerando que Salomão reinou até a sua morte, então, por conta desse *“fui rei”* diremos que esse livro é uma verdadeira mensagem do além, via psicografia; não temos dúvida alguma disso.

Será que os fundamentalistas não percebem que muitas narrativas trazem apenas a opinião particular de quem se atribui a autoria do texto bíblico, nada tendo, portanto, de inspiração divina, pois, se houver, como explicar isso:

“18. Quanto aos homens, penso assim: Deus os coloca à prova, para mostrar que eles, em si mesmos, são como animais. 19. De fato, o destino do homem e do animal são idênticos: do modo que morrem estes, morrem também aqueles. Uns e outros têm o mesmo sopro vital, sem que o homem tenha vantagem nenhuma sobre o animal, porque tudo é fugaz. 20. Uns e outros vão para o mesmo lugar: vêm do pó, e voltam para o pó. 21. Quem pode saber se o sopro vital do homem sobe para o alto, e o do animal desce para baixo da terra? 22. Percebo que não há nada melhor para o homem do que alegrar-se com suas obras, porque essa é a porção que lhe cabe. De fato, ninguém lhe fará ver o que acontecerá depois dele”. (Ecl 3,18-22). (grifo nosso).

As expressões *“penso assim”* e *“percebo”*, no texto, refletem, incontestavelmente, a opinião desse autor. Aliás, sua visão, como a dos de sua época, era que tanto homens como animais tinham o mesmo destino; por isso é adepto do viver bem aqui e agora, no que se igualava às ideias materialistas de hoje.

Se ainda alguém não quiser arredar o pé de que o livro é mesmo inspirado, então, lhe pediremos para segui-lo fielmente: *“o dia da morte é melhor que o dia do nascimento”* (Ecl 7,1). Seria uma apologia ao suicídio? Também nele foi dito que os mortos não terão recompensa, o que é contrário aos ensinamentos de Jesus, que promete julgar *“a cada um segundo suas obras”* (Mt 16,27); evidentemente, para estabelecer recompensa, se for este o caso.

É bom lembrar que Salomão teve 700 mulheres e 300 concubinas (1Rs 11,3), experiência que lhe deu um enorme conhecimento do comportamento psicológico feminino; por isso pôde, certamente, recomendar:

“Então descobri que a mulher é mais amarga do que a morte, porque ela é uma armadilha, o seu coração é uma rede e os seus braços são cadeias. Quem agrada a Deus consegue dela escapar, mas o pecador se deixa prender por ela”. (Ecl 7,26).

Eis aí, aos fundamentalistas, uma ótima prescrição bíblica a ser fielmente seguida. Nós, particularmente, fizemos a opção de morrer pecador.

O Salmo que cita em seus argumentos vem comprovar que temos um espírito: *“Sai-lhes o espírito e eles tornam ao pó; nesse mesmo dia perecem todos os seus desígnios”.* (Sl 146,4). Se o espírito sai, ele não vai para a sepultura; logo, o que volta à terra é apenas o corpo físico já separado do espírito; caso contrário, não haveria sentido algum em separá-los antes da morte ocorrer.

Quanto a Paulo (1Ts 4,13-16), ele afirma que Deus levará todos os que morreram para a companhia de Jesus, o que significa imortalidade.

Vamos ver o que podemos concluir de uma narrativa de Lucas:

“19. Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino, e dava banquete todos os dias. 20. E um pobre, chamado Lázaro, cheio de feridas, que estava caído à

porta do rico. 21. Ele queria matar a fome com as sobras que caíam da mesa do rico. E ainda vinham os cachorros lambem-lhe as feridas. 22. Aconteceu que o pobre morreu, e os anjos o levaram para junto de Abraão. Morreu também o rico, e foi enterrado. 23. No inferno, em meio aos tormentos, o rico levantou os olhos, e viu de longe Abraão, com Lázaro a seu lado. 24. Então o rico gritou: 'Pai Abraão, tem piedade de mim! Manda Lázaro molhar a ponta do dedo para me refrescar a língua, porque este fogo me atormenta'. 25. Mas Abraão respondeu: 'Lembre-se, filho: você recebeu seus bens durante a vida, enquanto Lázaro recebeu males. Agora, porém, ele encontra consolo aqui, e você é atormentado. 26. Além disso, há um grande abismo entre nós: por mais que alguém desejasse, nunca poderia passar daqui para junto de vocês, nem os daí poderiam atravessar até nós'. 27. O rico insistiu: 'Pai, eu te suplico, manda Lázaro à casa de meu pai, 28. porque eu tenho cinco irmãos. Manda preveni-los, para que não acabem também eles vindo para este lugar de tormento'. 29. Mas Abraão respondeu: 'Eles têm Moisés e os profetas: que os escutem!' 30. O rico insistiu: 'Não, pai Abraão! Se um dos mortos for até eles, eles vão se converter'. 31. Mas Abraão lhe disse: 'Se eles não escutam a Moisés e aos profetas, mesmo que um dos mortos ressuscite, eles não ficarão convencidos''' (Lc 16,19-31).

Algumas considerações:

- a) Que os mortos não ficam dormindo, é evidente;
- b) que, no outro lado da vida, os espíritos estão conscientes e podem dialogar uns com os outros;
- c) que, se o rico pediu a Abraão para mandar Lázaro avisar a seus irmãos, é porque se acreditava na comunicação com os mortos;
- d) que, no plano espiritual, os espíritos também ficam preocupados com aqueles que amam e se encontram ainda no plano físico;
- e) que a possibilidade dos mortos se comunicarem com os vivos é indubitável, já que Abraão não contestou isso, tendo, apenas, dito que seria muito difícil que dessem ouvidos aos mortos, uma vez que não deram ouvidos nem aos vivos, aqueles que falavam em nome de Deus.

Por outro lado, ficamos a imaginar: Se Deus pode fazer uma serpente se comunicar com Eva (Gn 3,1-5) e uma jumenta dialogar com o adivinho Balaão (Nm 22,28-30), com muito mais forte razão poderá fazer um homem, ainda que morto, falar. Não dizem que para Deus nada é impossível?

2o. – Porque Deus havia claramente cortado comunicação com Saul (vs. 6) e seria impensável Ele mudar de opinião e resolver que valeria a pena realizar tal comunicação, sobretudo por meio de uma representante do grupo que Ele ordenou que devia morrer por causa exatamente da atividade de buscar estabelecer esse tipo de comunicação proibida (Lev. 24:27).

Obs.: Se Deus quis comunicar-Se com Saul por aquele meio, Ele terminou TRAINDO ao rei! Como podemos imaginar um Deus traiçoeiro assim?! Pois além de ser volúvel — que determina algo e muda de ideia, passando por cima de Suas próprias regras — ainda castiga com morte o rei justamente por que foi em busca de uma comunicação proibida, mas propiciada por Deus mesmo! Esse Deus dos dualistas certamente não é o Deus das Escrituras (1 Crôn. 10:13 diz: “... morreu Saul por causa da sua infidelidade para com o Senhor, porque não havia guardado a palavra do Senhor; e também porque buscou a adivinhadora para a consultar”).

Certamente que no versículo 6 está dito que Saul tentou, por várias formas, se comunicar com Deus e não foi atendido; entretanto, como Samuel *“mesmo depois de sua morte, ele profetizou, predizendo ao rei o seu fim. Mesmo do sepulcro, ele levantou a voz, numa profecia, para apagar a injustiça do povo”* (Eclo 46,20²), fica evidente que apenas dessa forma, ou seja, consultando os mortos, é que ele, Saul, foi atendido por Deus. Disso temos plena convicção, pois nada acontece sem que haja permissão divina, já que *“até os cabelos de*

² Eclo 46,23, em algumas Bíblias.

vossas cabeças estão contados" (Mt 10,30), o que significa que Deus mantém tudo sobre pleno controle.

Já que tocamos no livro Eclesiástico, vejamos o texto pela Bíblia Sagrada Edição Barsa, Tradução do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo; lemos (p. 571): *"E depois disto dormiu Samuel o sono da morte, e apareceu ao rei, e lhe predisse o fim da sua vida, e saindo da terra, levantou a sua voz, profetizando o golpe, que estava para se descarregar sobre a impiedade da nação"* (Eclo 46,23). A narrativa é cristalina quanto à realidade da manifestação de Samuel, confirmando também a questão a respeito da profecia. Entretanto, sabemos que este livro não consta de algumas Bíblias protestantes; sendo assim, então, perguntamos, afinal, qual é a VERDADEIRA? A dos católicos ou a dos protestantes? Com base em que poderemos dizer que seja uma ou outra? Certamente nisso vale: *"A verdade não pode existir em coisas que divergem"*, palavras de São Jerônimo na carta-prefácio da Vulgata.

Entretanto, se descreve na Bíblia que havia duas pedras, em forma de dados, denominadas de urim e tumim, que eram tidas como sagradas, com as quais buscavam saber da vontade de Deus. O sacerdote, diante de um problema que lhe apresentavam, jogava essas pedras da sorte para cima e de conformidade como ficavam, após caírem ao chão, ele interpretava como sendo um "sim" ou um "não", em resposta à consulta formulada. Exatamente como um popular "cara ou corôa", no qual se joga uma moeda para o alto, quando, normalmente, queremos decidir alguma coisa sem ser parcial.

Uma outra forma que viam como resposta de Deus eram os sonhos; mas aí temos campo aberto às especulações, uma vez que suas interpretações nada mais são que algo, se não igual, bem próximo das adivinhações, as quais eram proibidas.

Absolutamente correto ao dizer que Deus não muda; por isso, não acreditamos nas narrativas onde se diz que Ele tenha-se arrependido de alguma coisa. E haja arrependimento atribuído a Deus na Bíblia... Entretanto, como já demonstramos anteriormente, que a proibição de evocar os mortos não partiu da divindade, a contradição fica somente por conta dos que acreditam que ela seja de Sua autoria.

E, se formos levantar esmiuçadamente, encontraremos inúmeras passagens em que perceberemos Deus mudando de opinião; podemos citar, um exemplo, pedindo ao leitor para confrontar Dt 24,16 com as passagens 2Sm 12,13-14 e 1Rs 21,29.

A passagem, citada, em que se encontra a pena, não por se comunicar com os mortos, mas por praticar a adivinhação é essa: *"O homem ou mulher que pratica a necromancia ou adivinhação, é réu de morte. Será apedrejado, e o seu sangue cairá sobre ele"* (Lv 20,27). Primeiramente, pedimos coerência aos que usam os textos bíblicos, evitando-se cair no ridículo, pois, se foi dito, e acreditamos nisso, que Deus não muda, essa ordem não poderá ter vindo Dele, uma vez que estabeleceu: *"Não matarás"* (Ex 20,13), fato que, mais uma vez, reforça que Moisés usou e abusou do nome de Deus para estabelecer normas de conduta ao então rebelde povo hebreu.

Ainda, na mesma linha de pensamento, podemos também apoiar em Jesus para justificar que tal lei não é mesmo divina, uma vez que ele, entre outras coisas, não ordenou que se apedrejasse a mulher adúltera (Jo 8,3-11), apesar da recomendação "divina" (Dt 22,22-24).

E já que nos enveredamos pelas penas por apedrejamento, solicitamos aos bibliólatras, os quais exigem-nos que observemos a palavra de Deus, que primeiro eles nos provem que cumprem-na integralmente, inclusive isso:

"Se alguém tiver um filho rebelde e incorrigível, que não obedece ao pai e à mãe e não os ouve, nem quando o corrigem, o pai e a mãe o pegarão e o levarão aos anciãos da cidade para ser julgado. E dirão aos anciãos da cidade: 'Este nosso filho é rebelde e incorrigível: não nos obedece, é devasso e beberrão'. E todos os homens da cidade o apedrejarão até que morra". (Dt 21,18-21).

Vamos aos fatos. Em 1Sm 8, os hebreus pedem a Samuel para que Deus indique alguém para lhes governar. Samuel, o vidente (médium), foi o instrumento divino para isso e quem ungiu a Saul para tal cargo (1Sm 10,1), porquanto, ele, Saul, havia sido o escolhido por Deus (1Sm 9,17). Certo tempo depois, Deus, através do profeta Samuel, dá uma missão ao rei

Saul. Como anteriormente havia prometido vingar Amalec e riscá-lo do mapa (Ex 17,14) mandou que Saul fosse contra ele e exterminasse tudo que encontrasse pela frente, dizendo-lhe: *"Não tenha piedade: mate homens e mulheres, crianças e recém-nascidos, bois e ovelhas, camelos e jumentos"* (1Sm 15,1-3). Será que havia se esquecido do *"não matarás"* (Ex 20,13)? Ou seria, realmente, uma mudança de opinião? Só que Saul, coitado, não executou fielmente tais ordens; apesar da carnificina toda, capturou vivo a Agag, rei nos amalecitas, bem como poupou o gado gordo e os cordeiros (1Sm 15,8-9). Isto bastou para que a ira de Deus se inflamasse contra Saul, o que reclama a Samuel, dizendo-lhe: *"Estou arrependido de ter feito Saul rei, porque ele se afastou de mim e não executou as minhas ordens"*. (1Sm 15,11). Será que Deus não sabia que Saul não era de total confiança e mesmo assim o escolheu para rei? Onde está a sua presciência? Na sequência do texto, Deus diz a Samuel que irá tirar a realeza de Saul e passar para outra pessoa, sem dar a mínima a seus veementes pedidos de perdão (1Sm 15,28).

Uma vez decidida a transferência da realeza a outro, o passo seguinte seria arrumar uma maneira de executar esse plano. Para isso Deus então manda os filisteus guerrearem contra Saul, que, desesperado, diante do exército deles, apela para *"tudo quanto é santo"* para saber o que lhe havia de acontecer nesta empreitada; como não obtém nenhuma resposta, resolve procurar a necromante em Endor, cujo desfecho é exatamente a passagem que estamos analisando para contrapor os argumentos objeto desse estudo. Aliás, não podemos deixar de registrar que o autor bíblico já de início avisa: *"Samuel tinha morrido..."* (1Sm 28,3), para que o leitor tenha consciência desse fato, como a lembrá-lo: quem vai se manifestar é o Espírito Samuel.

Então, a causa da infidelidade de Saul nada tem a ver com a consulta aos mortos, conforme afirma o professor, se baseando no livro de Crônicas. Mas quem apela, a todo o momento, para o *"teor geral das escrituras"*, devia saber muito bem que a história narrada neste livro é PURA MENTIRA, porquanto Saul não morreu por conta disso. Aliás, devia também ter conhecimento que há três versões sobre a morte de Saul; vejamos:

- 1ª) **Suicidou-se:** *"Então Saul disse ao escudeiro: 'Desembainhe a espada e me atravesse, antes que esses incircuncisos cheguem e caçoem de mim'. O escudeiro ficou apavorado e não quis obedecer. Então Saul pegou a espada e atirou-se sobre ela."* (1Sm 31,4).
- 2ª) **Foi morto por um amalecita:** *"Eu estava casualmente no monte Gelboé e vi Saul apoiado em sua própria lança, enquanto os carros e cavaleiros se aproximavam. Saul virou-se, me viu, e me chamou. ...Então Saul me disse: 'Aproxime-se e mate-me, pois estou agonizando e não acabo de morrer'. Então eu me aproximei dele e o matei, porque eu sabia que ele não iria mesmo sobreviver depois de caído"*. (2Sm 1,1-10).
- 3ª) **Os filisteus o enforcaram:** *"Então Davi foi pedir os ossos de Saul e de seu filho Jônatas aos cidadãos de Jabes de Galaad, que os tinham levado da praça de Betsã, onde os filisteus os haviam enforcado, quando venceram Saul em Gelboé"*. (2Sm 21,12).

No primeiro livro de Crônicas (10,1-12) é relatada a morte de Saul, exatamente como a narrada em 1 Samuel, capítulo 31, – versão do suicídio. Entretanto, nos versículos 13 e 14, citando como a causa da morte de Saul, foi colocado o seguinte: *"Saul morreu por ter sido infiel a Javé: não seguiu a ordem de Javé e foi consultar uma mulher que invocava os mortos, em vez de consultar a Javé. Então Javé o entregou à morte e passou o reinado para Davi, filho de Jessé"*; *"que mentira, que lorota boa"*... Os apressados talvez achem que a infidelidade, em não seguir a ordem de Deus, tenha sido a consulta aos mortos, quando o motivo real está em 1Sm 15,1-3, já citado um pouco atrás, que determinava que Saul matasse tudo quanto pudesse ter fôlego de vida entre os amalecitas, mas o *"piedoso"* Saul resolveu salvar o rei deles e o gado gordo e os cordeiros que possuíam.

Não podemos deixar de lembrar que a verdade não pode existir em coisas que divergem, conforme muito bem observado por S. Jerônimo, o que coloca em sérios apuros os que advogam a infalibilidade bíblica.

3o. – Porque Saul encomendou à mulher, “Peço-te que me adivinhes pela necromancia, e me faças subir aquele que eu te disser” (1 Sam. 28:8), após tentar fazer-se ouvir por Deus que não lhe atendia “nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas” (vs. 6).

Obs.: Esse nunca foi o método divino de atender petições de pessoas que O buscam (ver Jó 8:5, 6; Sal. 6:8, 9; 116:1, 2; Dan. 9:20, 21; Mar. 11:24; Col. 4:3).

O método usado para as consultas era, conforme já demonstramos um pouco mais atrás, jogando-se as pedras das sortes – urim e tumim -, ou seja, um verdadeiro “cara ou coroa”, que valia como forma de se consultar a Deus, coisa que, no Espiritismo, não se faz ao consultar os mortos, já que isso é feito com seriedade e devoção, porquanto, eles continuam merecendo o nosso respeito, apesar de estarem noutra dimensão da vida; aliás, seria melhor dizer naquela que é a nossa verdadeira pátria.

E aqui o que Saul estava fazendo, ou seja, evocando os mortos para fins de adivinhação (necromancia), é coisa lamentável mesmo, o que é reprovado por nós.

4o. – Porque Samuel, como profeta de Deus, não iria tomar a iniciativa de atender ao chamado de uma feiticeira, contrariando a ordem divina de que os vivos não busquem comunicar-se com os mortos, nem se submetem às regras de necromancia, que não iriam jamais interferir com quem estivesse na companhia de Deus. A Bíblia diz que quem buscasse consultar feiticeiros seriam contaminados por eles (Lev. 19:31; Apo. 22:15).

Obs.: Se Samuel atendesse à convocação da feiticeira estaria contribuindo para uma prática condenada por Deus, e pelo próprio contato com ela estaria contaminado, assim nem poderia mais voltar à companhia divina, pois no céu não entra nada que contamine (Apo. 21:27).

O que Saul procurou foi uma necromante e não uma feiticeira! Vejamos o Aurélio: **Feiticeira:** Mulher que faz feitiços; bruxa, carocha, estrige, magia, mágica; **Necromante:** pessoa que pratica a necromancia e **Necromancia:** Adivinhação pela invocação dos espíritos. Ligar médium a feitiçaria, é recurso barato, por querer, com isso, que as pessoas pensem dessa forma, pois, assim, por medo ou por superstição, tomem gato por lebre. Aliás, esse recurso não é novo, pois até nos primórdios do Espiritismo isso acontecia, razão pela qual Kardec rebateu os detratores com os seguintes argumentos:

Só a malevolência e uma rematada má-fé puderam confundir o Espiritismo com a magia e a feitiçaria, quando aquele repudia o fim, as práticas, as fórmulas e as palavras místicas destas. Alguns chegaram mesmo a comparar as reuniões espíritas às assembleias do *sabbat*, nas quais se espera o soar da meia-noite, para que os fantasmas apareçam. (KARDEC, 2001a, p. 70-71)

Longe de fazer reviver a feitiçaria, o Espiritismo a aniquila, despojando-a do seu pretenso poder sobrenatural, de suas fórmulas, engrimanços, amuletos e talismãs, e reduzindo a seu justo valor os fenômenos possíveis, sem sair das leis naturais.

A semelhança que certas pessoas pretendem estabelecer, provém do erro em que estão, julgando que os Espíritos estão às ordens dos médiuns; repugna à sua razão crer que um indivíduo qualquer possa, à vontade, fazer comparecer o Espírito de tal ou tal personagem, mais ou menos ilustre; nisto eles estão perfeitamente com a verdade, e, se antes de apedrejarem o Espiritismo, se tivessem dado ao trabalho de estudá-lo, veriam que ele diz positivamente que os *Espíritos não estão sujeitos aos caprichos de ninguém, que ninguém pode, à vontade, constrangê-los a responder ao seu chamado*; do que se conclui que os médiuns não são feiticeiros. (KARDEC, 2001a, p. 104)

Já se viu nas obras da Doutrina Espírita a apologia de semelhantes práticas, nem o que quer que seja para provocá-las? Não se vê nela, ao contrário, que repudia toda solidariedade com a magia, a feitiçaria, os sortilégios, os tiradores de carta, adivinhos, ledores de sorte, e todos aqueles que têm o ofício de comerciar com os Espíritos, em pretendendo tê-los às suas ordens a tanto por sessão? (KARDEC, 2001b, p. 16).

Se o professor tivesse estudado Kardec, pois é o mínimo que se espera de quem quer falar sobre determinado assunto, teria evitado esse dissabor de ser acusado de malevolente ou agir de má-fé, por atacar o Espiritismo, embora, para isso, use de toda uma sutileza, de forma que poucas pessoas percebem tal expediente.

Gostaríamos que nos apresentasse a passagem em que se encontra a "ordem divina" proibindo os mortos de se comunicarem com os vivos, já que era essa a condição de Samuel.

Reafirmamos: ninguém contraria ordem divina alguma, pois as coisas acontecem exatamente conforme os planos de Deus. E mais: Deus é "inofendível", pois "*se você pecar, que mal estará fazendo a Deus? Se você amontoa crimes, que danos está causando para ele? E se você é justo, o que ele recebe de sua mão? Sua maldade só pode afetar outro homem igual a você. Sua justiça só atinge outro ser humano como você*" (Jó 35,6-8).

Mas a Bíblia também diz que todo mentiroso não entrará no reino dos céus (Ap 21,27). Contaminar não é o problema, esse se resume em ter que aplicar, para os casos análogos, o que determina Lv 20,27, ou seja, o apedrejamento até à morte sem contrariar o "*não matarás*" (Ex 20,13), já que não há nenhuma exceção neste passo.

Voltando à questão do uso da mediunidade, vamos ver que Saul vai à procura de um vidente (homem de Deus) para consultar-lhe a respeito do local onde poderiam ser encontradas as jumentas de seu pai, Cis, que haviam desaparecido (1Sm 9). Convidado pelos que o acompanham, em princípio, se recusou a ir, pois não tinha nada com que pudesse pagá-lo, só aceitando, quando um deles disse que tinha uma moeda de prata. O curioso dessa história é que o tal homem de Deus não era outro senão Samuel. Assim, podemos dizer que ele era médium e fazia contato com os espíritos, embora alguns entendessem que era com Deus; mas, mesmo que fosse, não foge à regra, pois "*Deus é Espírito*" (Jo 4,24), como também "*é pai dos Espíritos*" (Hb 12,9); mais ainda: ele é "*Deus dos Espíritos*" (Nm 16,22) e, finalmente, "*O Senhor é Espírito*" (2Cor 3,17).

Se a Bíblia for a palavra de Deus, como quer, porque não a cumpre integralmente, como essas passagens em que a pena de morte foi estabelecida para: os que amaldiçoam o pai e a mãe (Lv 20,9); os homens que dormem com outros homens como se fossem mulheres (Lv 20,13); há várias outras, mas paremos por aqui.

5o. – Porque nunca é dito que Saul viu a Samuel, e a informação de tratar-se do profeta procedeu de uma feiticeira, alguém que vivia às escondidas, sob condenação de morrer por praticar algo condenado por Deus (ver 1 Sam. 28: 13; Deu. 18:9-11).

E porque motivo haveria de se dizer que Saul também vira a Samuel, se não temos a informação de que ele era médium vidente? Entretanto, podemos apresentar provas de que era, isto sim, um médium de incorporação; vejamos: incorpora um Espírito de Deus (1Sm 10,11); noutra oportunidade, um espírito mau se apossa dele (1Sm 18,10; inclusive, quis, literalmente, pregar Davi na parede com sua lança (1Sm 18,11). Além do mais, aqui nos ocorre dizer que os espíritos citados na Bíblia, bons e maus, não são senão espíritos "de mortos".

Engraçado que, a toda hora, falam "a Bíblia diz"; entretanto, aqui parecem negar o fato. Da mesma forma, diremos, com relação a 1Sm 28, que "a Bíblia diz" que o pedido do rei Saul foi para evocar a Samuel (v. 11), que "*a mulher viu Samuel*" (v. 12); que Saul compreendeu que era Samuel (v. 14) e que "*Samuel disse a Saul*" (v. 15). São afirmativas bíblicas que não deixam dúvidas da realidade do fenômeno, embora contestadas por muitos contraditores.

E, com relação ao 15, encontramos a seguinte explicação: "Por que me perturbas depois de morto, para ouvir minhas palavras que não querias ouvir enquanto eu vivia?" (Bíblia Sagrada Paulinas, p. 303), que confirma tudo quanto estamos dizendo dessa manifestação.

A médium, e não a feiticeira, realmente foi quem disse que viu a Samuel; certamente, porquanto devia também ser médium vidente, pois de incorporação é fácil deduzir, já que no texto se afirma que Samuel disse: "*Porque o Senhor fez para contigo como por meu intermédio ele te dissera; tirou o reino de tua mão, e a deu ao teu companheiro Davi.*" (v. 17; em algumas traduções lemos "*como tinha anunciado pela minha boca*"; outras "*como eu*

te disse da sua parte"; isso confirma que ele, Samuel-espírito, estava incorporado na médium e falava pela boca dela; o diálogo entre o rei e o profeta foi assim estabelecido.

Quanto à questão dela, a médium, viver às escondidas, certamente qualquer um faria o mesmo se sua cabeça estivesse "a prêmio", porquanto, Saul, ainda apegado às determinações de Moisés, expulsa do país os necromantes e adivinhos (1Sm 28,3).

6o. – E o que a feiticeira diz ter visto foi um ser sobrenatural, ou seres sobrenaturais — "um deus - elohim" —, termo usado com referência a seres divinos mas também aplicável a falsos deuses (Gên. 35:2; Êxo. 12:12; 20:3).

Obs.: Quem apareceu não foi Samuel e sim um espírito satânico imitando o profeta. O apóstolo Paulo explica que Satanás pode transfigurar-se até em "anjo de luz" (11:14).

Essa era uma das razões pela qual Moisés proibiu tais práticas; exatamente por não saberem diferenciar os espíritos, considerados deuses, do Deus verdadeiro, aos quais faziam reverências, conforme pode se comprovar com a atitude de Saul que, ao ter certeza da presença de Samuel, imediatamente, *"se prostrou com o rosto por terra"*. (1Sm 28,14). Entretanto, pesquisando em outras traduções, veremos que o termo usado foi espírito e não deuses. Quem está com a razão? Vejamos o que nelas dizem:

Em hebr. Um "elohim", um ser sobre-humano (cf. Gn 3,5; Sl 8,6). Só aqui aplicado aos mortos. (Bíblia de Jerusalém, p. 428).

Vi deuses: i.e um espírito (Bíblia Sagrada Barsa, p. 222).

Um deus que sobe da terra: a palavra hebraica para significar Deus, também designa os seres supra-humanos e, como neste caso, o espírito dos mortos. Havia a convicção de que os espíritos dos mortos estavam encerrados no *sheol*, e este se situaria algures por baixo da terra. (Bíblia Sagrada Santuário, p. 392).

Um deus. Uma figura sobre-humana ou um espírito (o de Samuel). (Mundo Cristão, p. 400).

Assim, de acordo com o contexto da época, o termo usado está plenamente correto. Observamos que ninguém o atribuiu a falsos deuses, mas sabemos onde o professor quer chegar.

Seguindo o que consta da observação do professor, pode-se deduzir que a Bíblia é completamente mentirosa, já que ela diz que foi Samuel quem apareceu e o desafiante diz que foi um espírito satânico. Em quem acreditar? Na Bíblia – a palavra de Deus – com respaldo das traduções existentes, ou na opinião do professor, contrária ao que nos transmitem os tradutores? Sempre ouvimos essa lorota de que satanás apresenta-se no lugar do morto evocado; só que ninguém nunca nos apresentou uma passagem sequer para comprovação; daí, não nos resta alternativa, senão debitar isso à conta de interpretações particulares, que nada têm a ver com "o teor geral das escrituras".

Para corroborar a realidade da manifestação, contrapondo a opinião do professor, podemos também nos apoiar, por exemplo, no que os tradutores da Bíblia de Jerusalém, dizem, em relação a 1Sm 28,12, esclarecendo que "A mulher conhece o relacionamento que Samuel teve com Saul. Se, para seu grande assombro, o profeta defunto se manifesta, é porque o consulente é o rei de Israel" (p. 428).(grifo nosso). Aos que porventura não sabem, na composição da equipe de tradutores dessa Bíblia participaram tanto católicos quanto protestantes, deixando-a, por isso, mais fidedigna quanto aos textos.

E é bom observar que, no meio evangélico, mais se fala em satanás do que em Deus ou Jesus; e, conforme diz o ditado, "assombração só aparece para quem tem medo dela"; assim, está explicada a hipótese levantada pelo professor.

Conforme veremos mais à frente, a concretização das profecias ditas por Samuel-espírito, contidas na passagem, evidencia-as como verdadeiras; logo elas são as provas de que não foi satanás quem se manifestou, porquanto, segundo dizem, ele é o pai da mentira.

Por outro lado, se isso vier a acontecer mesmo, então teremos que admitir que Jesus

foi enganado no Monte Tabor ou, na melhor das hipóteses, que o texto bíblico não é verdadeiro, quando afirma que Moisés e Elias apareceram e conversaram com ele (Mt 17,3).

Se satanás pode realmente se transformar em “anjo de luz”, certamente poderá também estar dentro das igrejas se passando pelo Espírito Santo para enganar os incautos. Obviamente que Paulo estava completamente equivocado, pois se isso fosse verdade estaríamos perdidos, pois ele teria o mesmo poder que Deus para realizar milagres, o que tornaria impossível para nós, pobres mortais, identificar quais seriam os dele e quais seriam os de Deus.

Mas, pelo “teor geral das escrituras”, é fato que *“Quem pratica o mal, tem ódio da luz, e não se aproxima da luz, para que suas ações não sejam desmascaradas”* (Jo 3,20); daí, é pouco provável, que satanás consiga se disfarçar em anjo de luz; quiçá, nem mesmo em um pequenino vaga-lume.

Por outro lado, sabendo que *“Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças. Mas, com a tentação, ele dará os meios de sair dela e a força para suportar”* (1Cor 10,13), ficamos tranquilos quanto às supostas investidas de satanás, pois teremos “forças” para derrotá-lo.

7o. – Porque estranhamente o ser que apareceu à feiticeira “sobe de dentro da terra”, quando a Bíblia nunca diz que os seres divinos vêm de tal parte, e sim do alto (ver Gên. 22:11 e 15; 2a. Reis 2:11; Isa. 6:1, 2; 32:15; Luc. 2:13; Mat. 3:16, 17; Apo. 14:6).

Realmente a Bíblia nunca disse que seres divinos (anjos) vêm debaixo da terra; mas, no caso em questão, não estamos falando disso. O que estamos falando é que o espírito Samuel apresentou-se a Saul, e a crença da época era que tantos os bons quanto os maus iram para o xeol (ou sheol). Quanto ao local de onde veio é que faltou ao professor analisar o contexto de época, que, inclusive, neste caso, está conforme o “teor geral das escrituras”; senão vejamos:

Ele sobe do Xeol, a morada subterrânea dos mortos (cf. Nm 16,33). No Xeol, morada comum de todos os mortos, bons ou maus (cf. Nm 16,33+). (Bíblia de Jerusalém, em relação aos vv. 12 e 19 de 1Sm 28, pp. 428-429). (grifo nosso).

Embora se tenham apresentado diversas derivações da palavra hebraica she'óhl, parece que ela deriva do verbo hebraico ????? (sha-ál), que significa “pedir” ou “solicitar”. Isto indicaria que o Seol é o lugar (não uma condição) que pede ou exige todos sem distinção, ao acolher os mortos da humanidade. (veja Gen 37:35 n e Is 7:11 n.) Encontra-se no solo da terra e sempre é associado com os mortos, e refere-se claramente à sepultura comum da humanidade, ao domínio da sepultura, ou à região terrestre (não marítima) dos mortos. (Traduções da Bíblia Sagrada Novo Mundo, p. 1514). (grifo nosso).

[...] Hades é o equivalente do Seol, e aplica-se à sepultura comum da humanidade (em contraste com a palavra grega *tá-fos*, uma sepultura individual). A palavra latina correspondente a Hades é *in.fér.nus* (às vezes *ín.fe.rus*). Ela significa “o que jaz por baixo; a região inferior”, e se aplica bem ao domínio da sepultura. Ela é assim uma apta aproximação dos termos grego e hebraico.

Nas escrituras inspiradas, as palavras “Seol” e “Hades” são associadas com a morte e os mortos, não com a vida e os vivos (Re 20;13).... (Traduções da Bíblia Sagrada Novo Mundo, p. 1514). (grifo nosso).

O Xeol, ou morada dos mortos, no tempo de Isaías era visto como um local de semi-vida, separado de Deus e onde louvá-lo era impossível (Sl 6,6; 30,10; 88,11-13). (Bíblia Sagrada Vozes, p. 924). (grifo nosso).

Sepultura. Heb., *Sheol*. Esta palavra é usada 65 vezes no A.T. Frequentemente significa a sepultura onde o corpo é colocado após a morte (cf. Nm 16;30,33, Sl. 16,10). Pode também referir-se ao lugar dos espíritos dos mortos, tanto dos justos (como aqui) quanto dos ímpios (cf. Pv 9;18). (Bíblia Anotada Mundo Cristão, p. 60). (grifo nosso).

Pelo que podemos ver no livro de Jó, entre os filhos de Deus estava também satanás, o que prova que nem mesmo os seres maus (isso para quem acredita nessa hipótese), vivem debaixo da terra; a narrativa apenas reflete a crença da época.

Embora seja para nós difícil aceitar a ideia, de que anjos sejam realmente seres divinos, porquanto, João, ao ajoelhar-se para adorar um anjo, foi repreendido por ele, que lhe disse: *“Não! Não faça isso! Eu sou servo como você, como os seus irmãos, os profetas, e como aqueles que observam as palavras deste livro.”* (Ap 22,9). Se o anjo era servo como João, como os outros que estavam com ele, como os profetas e como todos os que seguem a Deus, igualmente o eram, então, não há como negar que todos somos iguais, ou seja, anjos são seres humanos desencarnados, já que, na ressurreição, seremos como os anjos do céu (Mt 22,30).

Para corroborar isso, veja em Atos quando Pedro foi preso por Herodes, fato pelo qual todos já o supunham morto, mas um anjo o salva, e ele aparece na casa onde os outros estavam reunidos e bate à porta, Rosa, a empregada, vai atender, mas, quando reconhece a voz de Pedro, volta rapidamente para dentro, para dar a notícia aos outros; entretanto, como já o tinham como morto, disseram: *“Então deve ser o anjo dele”* (At 12,15). Existem passagens em que os anjos foram vistos como homens de roupas brilhantes (Comparar: Mt 28,5 com Mc 16,5; Lc 24,4 com Lc 24,23; Jo 20,12 com Lc 24,4), fato que nos remete a essa realidade do que estamos dizendo.

8o. – Porque Saul adiciona ao seu erro de consultar uma feiticeira o pecado do juramento em nome de Deus (Ver Mat. 5:34-36; Tia. 5:12), pronunciando o santo divino nome em vão em violação do 3o. mandamento, num ambiente de quem operava contrariando as regras divinas. E ao entender que seria Samuel que apareceu prostrou-se-lhe “em reverência”, noutro ato contrário à Palavra de Deus.

Obs.: Estranhamente também “Samuel” não o repreendeu por Saul inclinar-se em adoração a ele, o que mostra significativa diferença com relação a outros personagens bíblicos a que alguns tentaram prestar indevida reverência (ver Atos 10:25, 26; Apo. 19:10).

Justifica-se a proibição de Moisés por dois motivos, um é que não sabiam diferenciar os espíritos da divindade, adorando-os como deuses, outro é que a faziam por objetivos dos mais fúteis. E não seremos nós que iremos apoiar tais ocorrências; entretanto, não há como negá-las, no tocante à possibilidade de acontecerem, a não ser por puro dogmatismo, para não dizer fanatismo religioso.

O fato de uma pessoa contrariar uma lei divina, não a obriga a contrariar todas, como, por outro lado, não quer dizer que, necessariamente, ela contraria a todas elas. Mas, conforme já demonstramos, se Saul contrariou alguma lei foi uma emanada de Moisés.

9o. – Porque nesse episódio ignora-se a fantástica dificuldade de supor que um espírito dentre os mortos pudesse aparecer como “um ancião ... envolto numa capa” (1 Sam. 28:14). Se os espíritos dos mortos fossem almas desincorporadas, obviamente não precisariam estar envoltos em roupas.

Tudo bem; podemos até aceitar tranquilamente que Samuel era, de fato, uma alma “penada”, mas não uma alma “pelada”, certo? E Moisés e Elias como apareceram a Jesus: pelados ou vestidos? E o próprio Jesus, depois de morto, como se apresentou aos discípulos? Assim, podemos afirmar que estes apareceram obedecendo aos mesmos princípios utilizados por Samuel quando apareceu a Saul.

10o. – Porque a negra predição do suposto Samuel, “amanhã tu e teus filhos estareis comigo” (1 Sam. 28:19) significaria que os profetas de Deus e reis apóstatas compartilham a mesma habitação após a morte, o que é simplesmente um absurdo.

Obs.: E, houve claras predições que não se cumpriram: a) Saul não foi entregue nas mãos dos filisteus (28:19); a profecia, de estilo sibilino, sugeria que Saul viria a ser supliciado pelos filisteus. Mas o fato é que Saul se suicidou

(31:4), e veio parar nas mãos dos homens de Jabes-Gileade (31:11-13). Saul apenas passou pelas mãos dos filisteus. Infelizmente o pseudo Samuel não podia prever esse detalhe. b) Não morreram todos os filhos de Saul (28:19), como insinua essa outra profecia obscura. Ficaram vivos pelo menos três de seus filhos: Isbosete (2 Sam. 2:8-10), Armoni e Mefibosete (2 Sam. 21:8').

Embora já tenhamos provado que naquela época acreditavam que os bons e os maus, depois da morte, iam para um mesmo lugar, acrescentaremos, visando ampliar mais as informações, o que alguns tradutores bíblicos disseram sobre isso:

Nm 16,33. *Sepulcro*. Em hebraico sheol. Esta palavra designa as profundezas da terra onde descem os mortos bons ou maus para uma vida de letargia. A doutrina da retribuição de além-túmulo e a da ressurreição, preparada pela esperança dos salmistas (SI 16,10s; 49,16), não aparecerão claramente senão no fim do A.T. (Bíblia Santuário, p. 203). (grifo nosso).

Nm 16,33: Xeol. Palavra de origem desconhecida, que designava as profundezas da terra (Dt 32,22; Is 14,9 etc.), onde os mortos "descem" (Gn 37,35; 1Sm 2,6 etc.) e onde bons e maus se confundem (1Sm 28,29; SI 89,49; Ez 32,17-32) e têm sobrevivência apagada (Ecl 9,10), e onde Deus não é louvado (SI 6,6; 88,6.12-13; 115,19; Is 38,18). Contudo, o poder do Deus vivo (cf. Dt 5,26+) se exerce mesmo nesta habitação desolado (1Sm 2,6; Sb 16,13; Am 9,2). A doutrina das recompensas e das penas de além-túmulo e a da ressurreição, preparadas pela esperança dos salmistas (SI 16,10-11; só aparecem claramente no fim do Antigo Testamento (Sb 3,5 em ligação com a crença na imortalidade, ver Sb 3,4+; 2Mc 12,38+) (Bíblia de Jerusalém, pp. 227-228). (grifo nosso).

SI 6,6: *Habitação dos mortos*: expressão frequente que traduz o vocábulo hebraico *Cheol*. Os antigos hebreus não tinham, da vida futura, uma ideia tão clara como nós. Para eles, a alma separada do corpo permanecia num lugar obscuro, de tristeza e esquecimento, em que o destino dos bons era confundido com o dos maus. Donde a necessidade de uma retribuição terrestre para os atos humanos. (Bíblia Sagrada Ave Maria, p. 660). (grifo nosso).

Assim, diante do contexto histórico, realmente Saul e seus filhos estariam no mesmo lugar para onde foi Samuel; fugir disso é negar o conhecimento que hoje se tem daquela época. Entretanto, aos fanáticos daremos um desconto, pois "nem que a vaca tussa" irão acreditar, porquanto, "não consta da Bíblia" é o que, certamente, dirão.

Quando é necessário pegar ao pé da letra, foge, já que não lhe convém; age de forma contrária, quando a questão é buscar o sentido figurado; aí se apega à letra, obviamente, para não estorvar suas crenças. Nas partes do texto onde é afirmado especificamente que foi Samuel, diz que não; enquanto que, nas profecias ditas por ele, agarra-se ao texto. Mas vejamos, se conseguiremos desatar esse nó.

Citamos, anteriormente, o versículo 17, onde Samuel, pela boca da médium, disse a Saul que aconteceria com ele, o que já lhe havia dito antes, quando ainda estava vivo. Leiamos: "*Javé arranca hoje de você o reinado sobre Israel e o entrega a outro mais digno do que você*" (1Sm 15,28), indubitavelmente que tal profecia aconteceu, pois Saul morreu na guerra com os filisteus, indo seu reinado para as mãos de Davi. Essa profecia, de forma mais abrangente, foi repetida em 1Sm 28,17, conforme já falamos, e confirmada pelos fatos ocorridos.

Vejamos agora as profecias específicas, as proferidas por Samuel-espírito, que segundo a Bíblia dos Católicos, "*mesmo depois de sua morte, ele profetizou, predizendo ao rei o seu fim*" (Eclo 46,23)(Edição Pastoral – Paulus), cujo valor reputamos estritamente histórico e não canônico. Leiamos:

"Como consequência, Iahweh entregará, juntamente contigo, o teu povo Israel nas mãos dos filisteus. Amanhã, tu e os teus filhos estareis comigo, e o exército de Israel também: Iahweh o entregará nas mãos dos filisteus." (1Sm 28,19).

Separando-as, para melhor clareza, já que reclamou dizendo-as obscuras:

- a) entregará, juntamente contigo, o teu povo Israel e o exército nas mãos dos filisteus: significa que na guerra contra os filisteus (1Sm 28,4), Saul, o povo de Israel e todo o exército seriam derrotados (entregues nas mãos) pelos filisteus.
- b) Amanhã, tu e teus filhos, e o exército de Israel também, estareis comigo: querendo dizer que todos estariam mortos pelas mãos dos filisteus.

Vejamos se foi exatamente isto o que ocorreu:

"1. Os filisteus atacaram Israel, e os homens de Israel fugiram perseguidos por eles e caíram, feridos de morte, no monte Gelboé. 2. Os filisteus fizeram o cerco a Saul e seus filhos, e mataram a Jônatas, Abinadab e Melquisua, filhos de Saul. 3. Todo o peso do combate se concentrou sobre Saul. Os atiradores, homens armados de arco, o descobriram, e ele tremeu fortemente à vista dos atiradores. 4. Então disse Saul ao seu escudeiro; 'Desembainha a tua espada e transpassa-me, para que não venham esses incircuncisos e escarneçam de mim'. Mas o seu escudeiro não quis obedecer-lhe, pois tinha muito medo. Então Saul tomou sua espada e lançou-se sobre ela. 5. Vendo que Saul estava morto, também o escudeiro se lançou sobre a sua espada e morreu com ele. 6. Assim, morreram juntos naquele dia, Saul, os seus três filhos, o seu escudeiro e todo os seus homens. 7. Quando os homens de Israel que estavam no outro lado do vale e os que estavam na outra margem do Jordão viram que os israelitas tinham fugido e que Saul e seus filhos tinham perecido, abandonaram as suas cidades e fugiram. Os filisteus vieram e se estabeleceram ali". (1Sm 31,1-7).

Em relação ao item a: os filisteus venceram a Saul, seu exército e o povo de Israel; os que sobreviveram abandonaram aquela região, cuja posse ficou com os vencedores. Foram entregues nas mãos dos filisteus ou não? Ou será que, por conta da literalidade, o entendimento correto do texto deve ficar comprometido? A seguir a mesma linha de raciocínio do professor, poderíamos também dizer que o exército e o povo de Israel não foram entregues nas mãos dos filisteus; mas isso seria forçar a barra por demais; por esse motivo, preferimos buscar o sentido, não nos apegando à letra que mata.

Quanto ao item b: muito claro no texto a afirmativa de que *"morreram juntos naquele dia, Saul, os seus três filhos, o seu escudeiro e todo os seus homens (exército)"*, cumprindo-se fielmente a profecia. Aliás, ela não especifica como seriam mortos todos eles, muito menos como seria a morte de Saul, para querer justificar que ele não foi morto, mas suicidou-se. Isso é um fato, apesar de haver outras versões para o episódio, conforme já falamos; entretanto o fez, porquanto, se não o fizesse, os filisteus fatalmente o matariam. A razão dele ter feito isso é porque não queria cair vivo nas mãos deles.

Como tudo quanto foi previsto aconteceu, podemos dizer que isso nos leva fatalmente à concluir que a presença de Samuel-espírito é inconteste, pois demônio não diz a verdade, porquanto *"ele é mentiroso e pai da mentira"* (Jo 8,44).

A questão, agora, se resume na afirmativa de que não morreram todos os filhos de Saul. Em 1Sm 28,19 diz apenas que *"tu e os teus filhos estareis comigo"*; portanto, não se afirmou que TODOS os filhos de Saul iriam morrer. Mas, considerando o "teor geral das escrituras", podemos argumentar que sim, usando-nos dessa afirmação: *"Dessa forma, morreram Saul e seus três filhos: a família inteira"* (1Cr 10,6), confirmando totalmente a profecia.

Seria interessante que também observássemos certos detalhes, não percebidos pelo professor, mas que são essenciais para o entendimento correto daquilo que aconteceu.

Por qual motivo o cronista disse que morreu a família inteira de Saul? Teríamos alguma coisa para esclarecer isto? É aí que separamos um pesquisador de um fanático; enquanto o primeiro não se dá por satisfeito realizando uma investigação mais profunda possível, o outro se contenta com a primeira informação que coincida com seu interesse dogmático, ficando plenamente feliz com sua "descoberta".

Veremos que os filhos de Saul com Aquinoam, sua esposa, foram segundo 1Sm 14,49: Jônatas, Jesui (Isbaal ou Isboset) e Melquisua, enquanto, que em 1Sm 31,2, são citados: Jônatas, Abinadab e Melquisua. Abstraindo-se da divergência dos nomes, a quantidade é a

mesma. Por ser a “mulher oficial” de Saul estes é que eram considerados os de sua família. Foram exatamente estes que pereceram juntamente com o pai.

Mas não foram só estes os filhos de Saul. Ele teve outros; de dois deles – Armoni e Meribaal (ou Mefiboset) - conseguimos identificar a mãe. O detalhe é que a mãe deles era uma concubina de Saul (2Sm 3,7) chamada Resfa, filha de Aías; assim, por serem filhos da “filial”, certamente não seriam considerados da família.

Todos conhecemos a expressão popular “filho sem pai”; mas, para a nossa surpresa, encontramos, aqui – justo na Bíblia, um “filho sem mãe”, cujo pai foi Saul. Seu nome era Isbaal (Isboset) (2Sm 2,8), cujos relatos não identificam quem foi a sua mãe.

Uma opinião importante: “*Esta verdadeira 'batalha de Waterloo' de Saul e seus filhos cumpriu a profecia de Samuel (28,19)*”. (grifo nosso). Essa opinião, que retiramos da Bíblia Anotada – Mundo Cristão (p. 403), que é a usada pela maioria dos evangélicos e protestantes, é bem provável que seja a mesma de uso do autor do artigo que ora estamos contra-argumentando; se não for, pelo menos deve ser idêntica à do ramo que ele segue. Observar bem que nesta opinião consta que se cumpriu a profecia de Samuel, e não de um pseudo-Samuel, citando capítulo 28, versículo 19, ou seja, justamente aquele que trata da manifestação do Espírito de Samuel fazendo a profecia em análise.

Conclusão

A manifestação de Samuel a Saul foi demonstrada como fato real. Por isso, pouca coisa teremos que acrescentar nessa conclusão; a não ser o que, propositalmente, deixamos para este momento final. Sempre citam alguns versículos, buscando retirar deles a realidade da manifestação do Samuel-espírito, ora dizendo que foi um pseudo-Samuel, outras vezes o demônio, mas isso é incoerência, porquanto, estão contra aquilo em que eles mesmos acreditam ser a palavra de Deus, pois na Bíblia encontramos, de forma bem taxativa, o seguinte: “... *Saul... foi tomado de grande medo por causa das palavras de Samuel...*” (v. 20). E aí podem escolher, entre ser ou não ser de inspiração divina, essa afirmativa de que Saul ouviu as palavras de Samuel, entretanto, que apontem justificativas racionais, caso respondam negativamente.

Apenas para não ficar somente em nossa opinião pessoal, ainda vamos transcrever algumas outras:

[...] permitiu Deus que aparecesse a alma de Samuel para anunciar a Saul os castigos que lhe enviaria (Eclo 46,23). (Bíblia Sagrada Barsa, p. 223). (grifo nosso).

De acordo com a maioria dos exegetas, Samuel apareceu realmente, não, porém, por força das palavras da necromante (a qual ficou aterrorizada), mas por obra de Deus, que quis anunciar por boca de Samuel o grande castigo. (Bíblia Sagrada – Ed. Popular, p. 303). (grifo nosso)

Sua alma [Samuel] foi evocada por meio de uma necromante e apareceu a Saul anunciando-lhe a derrota em Gelboé e a sua morte um dia depois (1Sam 18,6-19). (Bíblia Sagrada – Ed. Popular, p. 788). (grifo nosso)

O narrador, embora não aprove o proceder de Saul e da mulher (v. 15), acredita que Samuel de fato apareceu e falou com Saul: isto Deus podia permitir. Logo, não é preciso pensar em manobra fraudulenta da mulher ou em intervenção diabólica. Toda a cena pinta ao vivo o abandono e desespero de Saul que está prestes a alcançar o ponto mais baixo da rejeição de Deus (15,23-30-30.35; 16,1; 31). (Bíblia Sagrada Vozes, p. 330). (grifo nosso).

A necromancia era praticada em Israel (2Rs 21,6; Is 8,19), embora fosse proibida pela Lei (Lv 19,31; 20.6.27; Dt 18,11, e aqui mesmo, v. 9). Enquanto o narrador parece partilhar a crença popular na aparição de espíritos, embora considerando a invocação deles como ilícita, os Padres da Igreja e os comentaristas se preocuparam em dar uma explicação do fato: intervenção divina, intervenção demoníaca, charlatanice da mulher. Pode-se admitir que a cena ia ser como as sessões desse gênero, com credulidade por parte de Saul e charlatanice por parte da mulher, mas que Deus permitiu à alma de Samuel que se manifestasse verdadeiramente (donde o susto da mulher) e que

anunciasse o futuro (cf. 1Cr 10,13 [LXX]; Eclo 46,20). Pode-se crer mais simplesmente, que o narrador utilizou essa encenação para exprimir mais uma vez a rejeição de Saul e sua substituição por Davi, um fio condutor de todas essas histórias (comparar o v. 17 com 15,28 e a referência a Amalec no v. 18, mas também 13,14; 16,1; 23,17; 24,21; 25,30). (Bíblia de Jerusalém, p. 428). (grifo nosso).

Nessa última vê-se a tentativa, desesperada por sinal, em levar a ocorrência para uma possibilidade e não um fato real. Sabemos ser difícil demover ideias cristalizadas; os que as têm deveriam observar que *“a obstinação é um crime de idolatria”* (1Sm 15,23). *“Não faça da Bíblia uma arma, a vítima pode ser você”* (adaptação de um ditado popular).

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Set/2006.

Referências bibliográficas:

- A Bíblia Anotada, 8ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
 Bíblia Sagrada, 68ª ed. São Paulo: Ave Maria, 1989.
 Bíblia Sagrada, Edição Barsa. s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
 Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª imp. São Paulo: Paulus, 2001.
 Bíblia Sagrada, Edição Popular. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 1977.
 Bíblia Sagrada, 37ª ed. São Paulo: Paulinas, 1980.
 Bíblia Sagrada, 5ª ed. Aparecida-SP: Santuário, 1984.
 Bíblia Sagrada, 8ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.
 Bíblia de Jerusalém, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.
 Bíblia do Peregrino, s/ed. São Paulo: Paulus, 2002.
 Bíblia Sagrada, s/ed. Brasília – DF: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
 Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
 KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001a.
 KARDEC, A. *Revista Espírita 1869*. Araras, SP: IDE, 2001b.